

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

MAYARA RODRIGUES DA LUZ

**Análise das transformações espaciais da cidade de São Paulo e do Bairro do Bexiga a
partir de mapas históricos de São Paulo**

São Paulo
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

L979a Luz, Mayara
Análise das transformações espaciais da cidade de São Paulo e do Bairro do Bexiga a partir de mapas históricos de São Paulo / Mayara Luz; orientador Fernanda Padovesi - São Paulo, 2023.
35 f.

TGI (Trabalho de Graduação Individual) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia.

1. Geografia Social. 2. Cartografia. 3. Mapas - Município de São Paulo. 4. Bairros - Bexiga. I. Padovesi, Fernanda, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

MAYARA RODRIGUES DA LUZ

**Análise das transformações espaciais da cidade de São Paulo e do Bairro do Bexiga a
partir de mapas históricos de São Paulo**

Trabalho de Graduação Individual (TGI II)
apresentado ao Departamento de Geografia da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo, como parte dos
requisitos para obtenção do título de Bacharel em
Geografia.

Área de concentração: Geografia Humana

Orientadora: Prof^a Dra. Fernanda Padovesi Fonseca

Banca avaliadora: Prof^o Dr. Eduardo Dutenkefer e

Prof^a Dra. Eliane Kuvasney

São Paulo

2023

Resumo

LUZ, Mayara Rodrigues da. **Análise das transformações espaciais da cidade de São Paulo e do Bairro do Bexiga a partir de mapas históricos de São Paulo.** Trabalho de Graduação Individual (TGI) apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

O presente trabalho discute a cartografia do urbano analisando uma seleção de mapas históricos de São Paulo com especial atenção para o bairro do Bexiga. Tecendo relações com o contexto político e econômico da cidade na época, buscou-se compreender de que forma os mapas selecionados registram as mudanças na cidade e no bairro do Bexiga, levando em consideração as propostas de Denis Cosgrove e Brian Harley para análise cartográfica.

Palavras chave: cartografia urbana, cartografia histórica, cidade de São Paulo, bairro do Bexiga

Abstract

LUZ, Mayara Rodrigues da. **Analysis of spatial transformations in the city of São Paulo and Bexiga Neighborhood through historic maps of São Paulo.** Trabalho de Graduação Integrado (TGI) presented to Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, for attainment of the title of Bachelor of Geography.

This work discusses urban cartography by analyzing a selection of historical maps of São Paulo, with special attention given to the Bexiga neighborhood. By studying its relation with the political and economic context of the city at the time, an understanding of how the selected maps documented the changes in the city and Bexiga neighborhood was sought, taking into account the proposals for cartographic analysis set by Denis Cosgrove and Brian Harley.

Keywords: urban cartography, historic cartography, city of São Paulo, Bexiga Neighborhood

Sumário

INTRODUÇÃO - OBJETO DE ESTUDO	6
1. GEOGRAFIA CULTURAL E REPRESENTAÇÃO CARTOGRÁFICA	9
1.1 - A cidade e o mapa no estudo de Denis Cosgrove	10
1.2 - Mapa e poder nos estudos de Brian Harley	12
2. MAPEAMENTOS DE SÃO PAULO	16
2.1 - Planta da Cidade de São Paulo (1810)	16
2.2 - Planta da Cidade de São Paulo por K. A. Bresser (1841)	18
2.3 - Mappa da Cidade de São Paulo e seus subúrbios (1847)	19
2.4 - Mappa Imperial da Cidade de São Paulo (1855)	20
2.5 - Planta da Cidade de São Paulo (1881)	23
2.6 - Planta da cidade de São Paulo e Subúrbios (1881)	23
2.7 - Planta da capital do estado de São Paulo e seus arrabaldes (1890)	24
2.8 - Planta da cidade de São Paulo (1895)	25
2.9 - Planta Geral da Capital São Paulo (1897)	26
2.10 - Planta geral da cidade de São Paulo adotada pela Prefeitura Municipal para uso de suas repartições (1905)	27
3. O BEXIGA NO CONTEXTO DE SÃO PAULO	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34

LISTA DE IMAGENS

Figura 01: *Planta da Cidade de S. Paulo - 1810. Levantada pelo Engenheiro Rufino José Felizardo e Costa. Original pertencente ao Museu Paulista.* Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

Figura 02: *Planta da Cidade de São Paulo por K. A. Bresser - 1841.* Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

Figura 03: *Mappa da Cidade de São Paulo e seus subúrbios.* Feito por Ordem do Ex.mo Sr. Prez.te o Marechal de Campo Manoel da Fonseca Lima e Silva pelo Engenheiro Civil K. A. Bresser - 1847. Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

Figura 04: *Mappa Imperial da Cidade de São Paulo*, levantado por Carlos Rath, publicado em 1855. Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

Figura 05: *Planta da Cidade de São Paulo - Companhia Cantareira e Esgotos - 1881.* Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo.

Figura 06: *Planta da cidade de São Paulo e Subúrbios - 1881 - Jules Martin.* Fonte: Biblioteca Nacional.

Figura 07: *Planta geral da cidade de São Paulo, 1905, adotada pela Prefeitura Municipal para uso de suas repartições - Alexandre Mariano Cococi e Luiz Fructuoso F. Costa.* Fonte: Biblioteca Nacional

INTRODUÇÃO - OBJETO DE ESTUDO

O Bexiga é um bairro localizado na zona central do município de São Paulo, oficialmente registrado como Bela Vista, com diversas particularidades que possibilitam discutir memória histórica e cartografia. As pesquisas sobre o bairro revelam que sua formação se deve a processos políticos e econômicos que afetaram todo o país e influenciaram na expansão de centros urbanos. Num panorama histórico, conforme elucida Sheila Schneck¹ (2010), a formação do Bexiga remonta ao final do século XIX, momento de grandes mudanças nas diretrizes políticas e econômicas no país, marcadas pela extensa luta dos movimentos abolicionistas e por pressões externas que culminaram na aprovação da Lei Áurea, o fim do Império e o início da República. Tais processos representaram mudanças políticas e econômicas importantes que, no entanto, seguiram favorecendo os mesmos grupos sociais. Num cenário mais amplo, essas mudanças estão relacionadas à uma inserção do país no mercado internacional e à adesão a um novo sistema de produção, que provocaram um aumento na demanda por moradia nas cidades.

De fins do Império aos primeiros anos da República, o Brasil passou por transformações que marcaram definitivamente as suas cidades. Mais do que a substituição de um regime por outro, tratava-se de um período de transição de uma economia escravocrata para outra capitalista, baseada no trabalho livre, na qual a mão de obra imigrante e de ex-escravos foi fundamental. A cidade de São Paulo, centro de comércio e da indústria nascente, tornou-se foco de atração humana. O fluxo de mão de obra imigrante e de ex-escravos para a cidade acarretou grande crescimento populacional e a necessidade de novas moradias, com consequente ocupação das áreas adjacentes ao centro da cidade. (SCHNECK, 2010, p. 1)

As primeiras ocupações do Bexiga derivam dos processos descritos por Sheila Schneck (2010). Embora o local seja conhecido como um bairro italiano, abrigou um dos primeiros quilombos de São Paulo, o Quilombo Saracura, e sua influência cultural sobre o bairro pode ser percebida na atualidade. Conforme demonstra Lima² (2020), é possível notar traços do quilombo na paisagem arqueológica.

Na atualidade a história do Bexiga tem sido rediscutida por organizações comunitárias, reivindicando o reconhecimento do legado cultural, social e histórico que as comunidades negras do Bexiga representam para a cidade. Um evento que estimulou este debate ocorreu em 2022 quando foram encontrados vestígios arqueológicos no local que abrigou a quadra da Vai-Vai, uma das escolas de samba mais tradicionais de São Paulo,

¹ SCHNECK, Sheila - *Formação do Bairro do Bixiga em São Paulo: Loteadores, proprietários, construtores, tipologias edilícias e usuários (1881 - 1913)*, FAU USP, São Paulo, 2010.

² LIMA, A. *Vestígios de um quilombo paulistano: uma análise da paisagem arqueológica do bairro do Bexiga*, Revista do Departamento de Ciências Sociais da Unimontes, v. 17, n. 1, p. 153–177, 2020.

fundada em 1930. A partir de análises para o licenciamento ambiental das obras da futura estação do metrô a ser construída no local, foram encontrados vestígios arqueológicos, atualmente em análise pela A Lasca, empresa de arqueologia responsável pela coleta e avaliação do material. Em decorrência destes achados, organizações comunitárias têm se unido para nomear a futura estação, que se chamaria Estação 14-Bis, como Estação Saracura/Vai-Vai, uma iniciativa que reivindica a preservação da memória histórica do quilombo, o acesso da população ao material arqueológico encontrado, e o reconhecimento da importância histórica do local. Lima (2020) realizou um estudo arqueológico no Bexiga anteriormente à demolição da Quadra da Vai-Vai e compreende o local como um lugar de persistência:

O logradouro onde hoje se encontra a quadra da Escola de Samba Vai-Vai, marco geográfico do “Quadrilátero da Saracura”, em uma perspectiva arqueológica pode ser considerado um lugar de persistência, já que por gerações permanece sua significação e territorialidade. Lugares de persistência são aqueles que, por um longo período, foram repetidamente utilizados na ocupação de uma região. Não são apenas sítios de concentração material ou paisagem, mas a conjunção de comportamentos humanos específicos em uma mesma paisagem. (LIMA, 2020, p. 159)

Considerando a concepção arqueológica de Lima, o uso do espaço pela escola de samba representaria uma continuidade em relação ao quilombo. Os objetos arqueológicos encontrados nas obras do metrô podem trazer evidências materiais que mostram esta conexão direta entre os moradores atuais e os primeiros habitantes dos Bexiga.

Em suma, o Bexiga é um dos bairros mais antigos de São Paulo, cujas primeiras ocupações ocorreram anteriormente às primeiras ondas migratórias vindas da Itália. No entanto, é notório que o bairro seja conhecido como um bairro italiano: a grande maioria das pesquisas sobre o Bexiga aborda este fato. A presença italiana no bairro é histórica e visível até os dias de hoje, porém a popularização do bairro como um bairro italiano representa uma distorção se considerarmos o contexto histórico e contexto atual do Bexiga. Veremos posteriormente trabalhos acadêmicos de diferentes áreas das ciências humanas que destacam a presença e o protagonismo da população negra na constituição do Bexiga desde sua formação até o presente. No entanto, esta presença e protagonismo não teriam um reconhecimento da sociedade proporcional à sua importância histórica. Não por acaso, Scarlato (1989) compreende o Bexiga como uma “ideologia geográfica”.

Diante do contexto exposto e sendo este um conflito espacial, podemos analisar o Bexiga e as distorções popularizadas sobre o bairro através de um panorama histórico. Considerando o potencial da cartografia enquanto ferramenta de conhecimento e poder, cabe

investigar de que forma o Bexiga está representado nos mapas históricos de São Paulo, levando em consideração o contexto dessa produção cartográfica.

A proposta deste trabalho é compreender de que forma alguns mapas históricos de São Paulo registram o Bexiga, considerando os contextos sociais, econômicos e políticos da cidade. Para isso mobilizamos mapas produzidos durante o século XIX e início do século XX, observando as modificações no tecido urbano, e consequentemente em seu cotidiano e dinâmica urbana, levando em consideração as propostas de Denis Cosgrove e Brian Harley para análise cartográfica.

Entre as principais referências bibliográficas deste trabalho, partiremos do artigo de Denis Cosgrove (1998), *Em direção a uma geografia cultural radical*, onde o autor defende a radicalização das concepções da geografia cultural através de um entendimento objetivo sobre os aspectos culturais de uma sociedade. Em *Cartocity* (2006), Cosgrove discute as etapas de desenvolvimento da cartografia do urbano, discutindo a importância do mapa enquanto representação e produção do espaço. No artigo *Mapas, saber e poder*, Brian Harley (2009) debate o caráter ideológico dos mapas, e a importância de uma leitura de mapas históricos amplamente contextualizada e atenta para as distorções produzidas, sejam elas distorções conscientes ou não. Eliane Kuvasney em *Mapas e paisagens: apontamentos acerca da abordagem cultural na cartografia* (2013) aponta a possibilidade de interlocução metodológica entre a Nova História da Cartografia e a Nova Geografia Cultural.

Para refletir sobre os processos de configuração espacial de São Paulo e seus contextos, partiremos dos textos de Benedito Lima de Toledo (1983) *São Paulo: três cidades em um século*, e Fernanda Padovesi Fonseca em conjunto com Jaime Tadeu de Oliva (2016) *O “modelo São Paulo”: uma descompactação anti urbanidade na gênese da metrópole*. Entre as referências sobre Bexiga, estão os estudos de Sheila Schneck (2010) em *Formação do Bexiga; Bexiga: cotidiano e trabalho*, Francisco Capuano Scarlato (2017) em *Bixiga uma ideologia geográfica*, Alessandro Luís Lopes de Lima (2020) *Vestígios de um quilombo paulistano: uma análise da paisagem arqueológica do bairro do Bexiga* e Marcio Sampaio de Castro (2008) em *Bexiga: Um bairro afro-italiano*.

1. GEOGRAFIA CULTURAL E REPRESENTAÇÃO

CARTOGRÁFICA

A partir da década de 1970, a Geografia Cultural passa por renovações que trazem para o centro do debate aspectos que vão além da paisagem, proporcionando abordagens que tratam de temas sociais sensíveis como conflitos de gênero, raça e sexualidade. Na atualidade tais temas têm ganhado cada vez mais exposição e notoriedade, extrapolando os círculos acadêmicos, e se tornando uma demanda cada vez maior para a geografia.

Na geografia cultural proposta por Cosgrove, observamos a interação humana com seu meio não só de um ponto de vista da apropriação e uso do espaço, mas também a partir de uma dimensão cultural e social expressa através de discursos diretos e também numa dimensão simbólica. Juntamente à produção material humana está a produção imaterial.

Os seres humanos experienciam e transformam o mundo natural em um mundo humano através de seu engajamento direto enquanto seres pensantes com sua realidade sensorial, material. A produção e reprodução da vida material é, necessariamente, uma arte coletiva, mediada na consciência e sustentada através de códigos de comunicação. Esta última é produção simbólica. Tais códigos incluem não apenas a linguagem em seu sentido formal, mas também o gesto, o vestuário, a conduta pessoal e social, a música, pintura, e a dança, o ritual, a cerimônia e as construções. Mesmo esta lista não esgota a série de produções simbólicas através das quais mantemos o nosso mundo vivido, porque toda atividade humana é, ao mesmo tempo, material e simbólica, produção e comunicação. Esta apropriação simbólica do mundo produz estilos de vida (genres de vie) distintos e paisagens distintas, que são histórica e geograficamente específicos. A tarefa da geografia cultural é apreender e compreender esta dimensão da interação humana com a natureza e seu papel na ordenação do espaço. (COSGROVE, 1998, p.5)

Cosgrove defende que uma abordagem geográfica humanista deve ser centrada na cultura, buscando compreender a dimensão humana do mundo vivido. “Uma geografia marxista deve reconhecer que o mundo vivido, apesar de simbolicamente constituído, é material e não deve negar sua objetividade” (COSGROVE, 1998 p. 5).

O mundo vivido não é mero produto de uma consciência humana desimpedida, mas é precisamente o encontro coletivo de sujeito e objeto, da consciência e do mundo material (Buttimer, 1974;1976). Manter a dialética da cultura e natureza sem cair no idealismo ou no materialismo reducionista é o principal problema teórico para o materialismo histórico (Thompson, 1978) e, assim, para construir uma geografia marxista. (COSGROVE, 1998 p. 6)

Ao considerar a dimensão simbólica para as análises da geografia cultural, é possível observar os mecanismos ideológicos presentes na produção cultural, e compreender de quais maneiras essa produção pode “legitimar e sustentar a dominação de classes” (COSGROVE, 1998).

1.1 - A cidade e o mapa no estudo de Denis Cosgrove

A cartografia do urbano tem um papel não apenas de representação, mas também de construção da cidade. Nesse sentido, Denis Cosgrove (2006) inicia o artigo *Cartocity* afirmando que não há separação entre o espaço urbano e espaço cartográfico. O mapa "tanto precedeu a presença física da cidade quanto serviu para regular sua existência" (COSGROVE, 2006, tradução de Vinicius Santos Almeida).

Essa é uma discussão levantada por diversos autores em busca de uma cartografia em consonância com o presente e de uma avaliação do papel que a cartografia vem exercendo tanto no sentido da construção física da cidade quanto na construção de narrativas que reforçam certa identidade.

Cosgrove distingue duas principais formas para o mapeamento urbano: o eixo radial e a grade, sendo que a forma da cidade projeta também o poder envolvido em sua construção. No eixo radial temos o foco em um único ponto, o *poder panóptico* para o horizonte, já a forma de grade, mais comum e universal no planejamento urbano, estaria relacionada à ideia de democracia que emergia a partir do século XVIII.

Além da questão da forma, Cosgrove distingue três momentos da representação cartográfica urbana: celebração, legibilidade e subtração. O primeiro momento remete ao século XVI com os primeiros registros modernos de grandes cidades, presentes no atlas *Civitates Orbis Terrarum*. Tratavam-se de mapas com viés celebratório sem o sentido prático e interativo que os mapas adquiriram posteriormente. Nestes mapas a cidade é representada através de um panorama de seus limites urbanos, como uma pintura. Muito diferente dos mapas que vieram a seguir, que passaram a representar as ruas com precisão geométrica e fazendo do mapa uma ferramenta de localização.

No segundo momento, a partir do século XVIII e sob a égide do iluminismo, emergiram os mapas voltados para a legibilidade. Numa época de grandes mudanças paradigmáticas, institucionalização do conhecimento e crescente urbanização, a cartografia é influenciada pelas tendências de medição do espaço.

A visão tradicional de cidade como uma polis autogovernada ou uma comunidade cristã tem sustentado a ênfase cartográfica na harmonia, na comunidade e na dignidade cívica, junto a um espaço urbano unificado. Essa visão foi sendo erodida pelo secularismo e individualismo moderno, e pelo crescimento da população urbana e a expansão espacial, a produção industrial e as novas formas de clivagens e solidariedade social. Em resposta, a cidade foi re-concebida; novas formas de

imaginar e viver a vida urbana foram expressas nos mapas, que se propuseram a ser analíticos ao invés de sintéticos. (COSGROVE, 2006)

O terceiro momento se inicia na primeira metade do século XX, quando a expansão das cidades traz novas necessidades de circulação. Uma nova proposta cartográfica é apresentada por Phyllis Isobella Pearsall através do atlas *London A-Z*, um guia de bolso que simplifica aspectos da cidade em função da legibilidade. O guia se torna uma importante ferramenta de localização.

Harry Beck, através do mapa do metrô de Londres, leva essa subtração ao extremo: com traços que informam somente as estações da rede de metrô, sem detalhes que representassem as ruas da cidade ou qualquer outra localização, lançou-se uma inovação cartográfica reproduzida mundialmente. O mapa desenvolvido por Harry Beck se tornou modelo de inspiração para metrô pelo mundo todo, utilizado, inclusive, pelo sistema de metrô e trens da Região Metropolitana de São Paulo nos dias atuais.

Levando em conta a análise de Cosgrove, podemos considerar que no contexto pós-globalização e advento das tecnologias informacionais, estamos em mais um momento importante do desenvolvimento da cartografia urbana. Computadores, celulares e aparelhos com GPS são os novos guias de bolso e dinamizam a relação entre o mapa e seus interlocutores. Atualmente temos tecnologia o bastante para registrar imagética e cartograficamente toda a superfície terrestre e isso causa mudanças na produção cartográfica. Na tese *A cidade e o mapa: representações cartográficas da urbanidade de São Paulo*, Eduardo Duttenkefer (2017) expõe os desafios de uma cartografia elaborada num contexto de avanços tecnológicos

A cidade é o espaço ideal para este estreitamento do fazer cartográfico e das novas formulações da Geografia. Bertin já colocava que o mapeamento das “referências naturais... úteis aos homens acabam de ser terminados... Não temos mais uma “Terra incógnita”. (BERTIN, 1988, p.45)

Essa função inicial dos mapas está cumprida, ou seja, o mapear da superfície terrestre com objetivo de descobrir algo não revelado pelos sensores de satélites, fotos aéreas, drones, etc. é menos provável. O desafio atual é buscar representações cartográficas ou pós-cartográficas que sejam possíveis de apreender os espaços cada vez mais complexos, diversos e velozes da sociedade humana atual. (DUTENKEFER, 2017, p.11)

Eduardo Duttenkefer apresenta diversas possibilidades de representação cartográfica da área urbana, tendo o município de São Paulo como estudo de caso, apresentando modelos cartográficos livres do compromisso com a precisão geométrica euclidiana, que permitem visualizar uma nova produção cartográfica, e levantando uma importante discussão sobre a

naturalização da geometria euclidiana na representação cartográfica.

1.2 - Mapa e poder nos estudos de Brian Harley

Outro debate importante para o presente estudo é levantado por Brian Harley (2009). Em *Mapas, saber e poder*, o autor questiona as abordagens tradicionais onde o mapa é avaliado pela sua verossimilhança com o espaço real e destaca a relação direta entre cartografia e poder, considerando que os mapas não estão isentos de carregar os valores e repertórios dos atores que os produzem.

Os mapas serão considerados como parte integrante da família mais abrangente das imagens carregadas de um juízo de valor, deixando de ser percebidos essencialmente como levantamentos inertes de paisagens morfológicas ou como reflexos passivos do mundo dos objetos. Eles são considerados imagens que contribuem para o diálogo num mundo socialmente construído. Nós distinguimos assim a leitura dos mapas dos cânones da crítica cartográfica tradicional e de seu rosário de oposições binárias entre mapas “verdadeiros e falsos”, “exatos e inexatos”, “objetivos e subjetivos”, “literais e simbólicos”, baseados na “integridade científica” ou marcados por uma “deformação ideológica”. Os mapas nunca são imagens isentas de juízo de valor e, salvo no sentido euclidiano mais estrito, eles não são por eles mesmos nem verdadeiros nem falsos. Pela seletividade de seu conteúdo e por seus símbolos e estilos de representação, os mapas são um meio de imaginar, articular e estruturar o mundo dos homens. Aceitando-se tais premissas, torna-se mais fácil compreender a que ponto eles se prestam às manipulações por parte dos poderosos na sociedade. (HARLEY, 2009, p. 2)

Assim como Cosgrove, Harley compreende o mapa como elemento formador do espaço. Complementando esta ideia, o autor levanta três pontos de análise que podem contribuir para uma leitura mais completa dos mapas.

Primeiramente, Harley compreende o mapa como uma linguagem, o que representa um ponto de vista sobre o mapa onde não só a imagem é importante como também a diversidade de códigos que compõem aquela cartografia.

O conceito de linguagem se traduz mais facilmente em prática histórica. Ele não apenas nos ajuda a ver nos mapas imagens – espelhos servindo para intermediar diferentes visões do mundo, mas também nos leva a procurar dados empíricos sobre aspectos tais como os códigos e o contexto da cartografia assim como sobre seu conteúdo tomado no sentido tradicional. (HARLEY, 2009, p. 3)

O segundo tópico é a iconologia do mapa. A iconologia a qual Harley se refere é baseada nas propostas do historiador de arte Erwin Panofsky (1892-1968), que desenvolveu o método iconológico, em que fornece orientações para análise de obras artísticas, propondo levar em consideração não só a mensagem direta de cada obra, mas também a interpretação de sua dimensão simbólica, assim como uma leitura do contexto histórico e social de sua elaboração. Harley leva este método para a análise de mapas e seus elementos visuais.

Um mapa pode carregar em sua imagem um simbolismo passível de ser associado à zona, à característica geográfica, à cidade ou ao lugar particular que ele representa. É neste nível simbólico em geral que o poder político dos mapas é mais eficazmente reproduzido, comunicado e percebido. (HARLEY, 2009, p. 3)

Por último, Harley propõe uma leitura do mapa enquanto uma forma de conhecimento e de poder. O autor nos lembra que a produção do mapa, especialmente a produção de mapas controlados pelo Estado, estão diretamente ligados aos processos de poder e podem ser utilizados como instrumentos de vigilância e manutenção da ordem estabelecida. Analisando a história da cartografia, vemos que os mapas sofreram grande influência de elites religiosas e políticas que concentravam o conhecimento sobre a produção cartográfica. Essas instituições detinham o domínio das técnicas de elaboração de mapas. Nos contextos imperiais, os mapas serviram como importante instrumento de guerras e dominação de territórios.

Da mesma forma que os canhões e os navios de guerra, os mapas foram as armas do imperialismo. Na medida em que os mapas serviram para promover a política colonial e onde os territórios foram reivindicados no papel antes de serem efetivamente ocupados, os mapas anteciparam o império. (HARLEY, 2009, p. 5)

Para além das mensagens diretas, os mapas também exercem poder através de seus ocultamentos e podem contribuir para a criação de mitos.

A redescoberta do sistema de coordenadas geográficas de Ptolomeu no século XV foi também um evento cartográfico crucial, que privilegiou uma “ sintaxe euclidiana ” como estruturadora do controle territorial europeu. De fato, a natureza gráfica dos mapas permitia a seus usuários imperiais um poder arbitrário, facilmente dissociado de responsabilidades sociais e suas consequências. O espaço podia ser dividido sobre o papel. Assim, o Papa Alexandre VI delimitou as possessões portuguesas e espanholas no Novo Mundo. Dividindo a América do Norte, no contexto de um imperialismo mundial europeu, as “linhas do mapa” revelavam este poder e o processo imperialista porque foram impostas no continente sem referências às populações indígenas e até mesmo, frequentemente, sem referências ao próprio território. Os invasores dividiam entre eles o continente segundo os esquemas que refletiam suas próprias rivalidades complexas e seu poder relativo”. (HARLEY, 2009, p. 5)

Harley (2009) considera a contribuição dos mapas para a ascensão do Estado moderno, uma vez que estes foram usados como instrumentos de guerra que, além de demarcar os espaços destruídos, podiam atenuar a culpa por essa destruição por transmitirem a ideia de um espaço vazio.

Os mapas invadem de maneira invisível a vida cotidiana. Assim como o relógio, símbolo gráfico da autoridade política central, introduziu a “ disciplina do tempo ” nos ritmos dos trabalhadores da indústria, as linhas dos mapas, ditando a nova topografia rural introduziram uma “disciplina do espaço”. (HARLEY, 2009, p. 8)

Harley compreende que já é conhecido entre cartógrafos o fato de que mapas são capazes de produzir distorções em relação a apreensão da realidade, no entanto considera que pouco espaço foi dedicado a expor as implicações políticas e consequências sociais causadas por estes desvios.

O autor distingue as distorções intencionais dos mapas das distorções “inconscientes”. Quanto às distorções intencionais, lembra que a produção cartográfica não costuma ser feita de forma independente e tende a estar relacionada às organizações de poder. Além daquilo que o mapa demonstra, para Harley os ocultamentos dos mapas também exercem influência sobre a mensagem transmitida. Seria necessário observar os elementos destacados e valorizados, assim como os ocultamentos desses mapas, quando se analisa suas mensagens políticas.

Há muitas informações que mostram que as geografias da língua, da “raça” e da religião foram representadas em conformidade com as crenças dominantes. Existem numerosos casos em que os nomes dos lugares indígenas de grupos minoritários são substituídos nos mapas topográficos por topônimos padrão do grupo que detém o poder. (HARLEY, 2009, p. 11)

As distorções “inconscientes” podem ser mais difíceis de se abordar mas também são passíveis de análise. O autor determina pelo menos três formas de se produzir essas distorções. Primeiramente a geometria do mapa, tendo como exemplo a Projeção de Mercator, que centraliza a projeção na Europa e produz distorções geométricas que transmitem ideias equivocadas em relação à escala dos países. A segunda forma de distorção consistiria nos próprios ocultamentos dos mapas, quando a presença de grupos que reivindicam determinado território não é sinalizada cartograficamente, contribuindo para a exclusão destes grupos. Por último, o autor apresenta a tendência à hierarquização nos mapas como uma forma de produzir distorções.

Durante muito tempo, uma das regras do cartógrafo foi assinalar as pequenas cidades e vilarejos por ícones ou símbolos abstratos, de modo proporcional à sua importância. A hierarquia visual dos primeiros mapas modernos é, dessa forma, frequentemente uma réplica das estratificações jurídicas, feudais e eclesiásticas. (HARLEY, 2009 p. 13)

Em suma, é importante considerar que a elaboração cartográfica está embutida de escolhas daqueles que os produzem, e não pode ser interpretada sem a observação dos contextos sociais, políticos e econômicos sob os quais os mapas foram produzidos. Para além de observar se um mapa representa correta ou incorretamente a realidade, é necessário discutir as consequências dessas distorções e ocultamentos para a sociedade. A partir destes

pontos podemos estabelecer análises colocando luz sobre informações não tão explícitas mas que podem trazer uma melhor compreensão dos processos espaciais a serem estudados.

É partindo destes princípios que iremos observar os mapas históricos de São Paulo do final do século XIX e início do século XX, investigando como estes mapas representam o bairro do Bexiga.

2. MAPEAMENTOS DE SÃO PAULO

Os mapas históricos de São Paulo produzidos entre meados do século XIX e início do século XX selecionados para este trabalho foram escolhidos a partir de pesquisas em acervos públicos como o Arquivo Público do Estado de São Paulo, a Biblioteca Nacional e o Arquivo Histórico Municipal. A seleção dos mapas se deu em primeiro lugar a partir de um recorte temporal, uma vez que estamos buscando observar os registros deste período de intensas mudanças em São Paulo, especificamente. A partir deste recorte, notou-se que os mapas selecionados se repetem em diferentes livros e pesquisas sobre São Paulo na virada do século, destacando-se o livro *Desenhando São Paulo: Mapas e Literatura (1877-1954)*, no qual as autoras mobilizam uma pesquisa que reúne mapas, textos e informações sobre os autores e agentes envolvidos na elaboração destes mapas e descrevem a São Paulo do final do século XIX e primeira metade do século XX, e também o livro *Prestes Maia e as Origens do Urbanismo Moderno Em São Paulo*, organizado por Benedito Lima de Toledo (1996), que reúne uma série de fotografias, plantas e mapas de São Paulo, apresentando uma retrospectiva história de 1875 a 1945 com enfoque nos projetos arquitetônicos e urbanísticos idealizados por Prestes Maia.

Para construir uma abordagem cartográfica utilizaremos o artigo *Os mapas como "operadores espaciais" na construção da cidade de São Paulo do início do século XX* e os artigos *Uso de mapas históricos na pesquisa sobre a cidade de São Paulo* e *Predominância de mapas disponíveis digitalmente e mapas autorreferenciais* de Eliane Kuvasney (2016, 2020).

Nas análises dos mapas selecionados buscaremos, principalmente, observar como estão representadas as ocupações do Bexiga com o passar do tempo. Os mapas serão apresentados em ordem cronológica, juntamente com informações levantadas sobre seu contexto de elaboração.

2.1 - Planta da Cidade de São Paulo (1810)

Podemos ver nos mapas históricos de São Paulo do início do século XIX que o perímetro urbano de São Paulo era contido aos arredores da Sé. O local do atual Bexiga/Bela Vista, que hoje é parte do centro da cidade, naquele momento se tratava da periferia da cidade, no entanto é reconhecível por seus córregos e rios, ainda não tamponados.

O primeiro mapa analisado é a Planta da Cidade de São Paulo de 1810, levantada pelo engenheiro Rufino José Felizardo e Costa (1784-1824), membro do Real Corpo de Engenheiros, instituição que teve um papel significativo na produção de mapas nessa época.

A planta, em escala 1:3000, representa o perímetro urbano de uma São Paulo que contava com aproximadamente 10 mil habitantes. Neste momento a produção açucareira e as atividades políticas que movimentavam a economia da cidade.

Na planta por ele elaborada entre 1807 e 1810, deparamo-nos com uma cidadezinha acaipirada que deixava o século XVIII ensaiando os primeiros passos em direção à intensificação da vida urbana. Graças à florescente economia do açúcar, pôde São Paulo ir desenvolvendo, aos poucos, um comércio de crescente importância regional. Além disso, desde o restabelecimento da Capitania de São Paulo em 1769, vinham os capitães-gerais, por razões políticas, administrativas e militares, tentando impor a presença da coroa lusitana na pequena cidade, até então esquecida pelos interesses metropolitanos. (CAMPOS, 2008)

O Real Corpo de Engenheiros é responsável por uma série de representações cartográficas da capital (CAVENAGHI, 2006).

No que se refere ao local onde se situa o Bexiga atualmente, este está presente no mapa, no entanto, ainda sem os topônimos que indicariam o bairro ou mesmo o Córrego do Saracura e o Córrego do Bexiga. Há indícios de urbanização no local onde os córregos encontram o Ribeirão Anhangabaú.



Figura 01: Recorte extraído da *Planta da Cidade de S. Paulo - 1810*. Levantada pelo Engenheiro Rufino José Felizardo e Costa. Original pertencente ao Museu Paulista. Fonte: Arquivo Histórico Municipal

2.2 - Planta da Cidade de São Paulo por K. A. Bresser (1841)

A segunda planta que analisaremos é datada do ano de 1841 e foi levantada originalmente por Karl Abraham Bresser (1804-1856), personalidade importante na formação dos bairros do Brás e da Mooca. Eudes Campos (2008) destaca o caráter cadastral do mapa.

Sabemos, porém, que na sessão camarária do dia 5 de novembro de 1840, foi lida uma portaria do governo provincial ordenando que por um edital a Câmara Municipal convidasse os paulistanos a franquear os pátios e jardins de suas casas, cujos exames fossem necessários ao engenheiro Bresser, encarregado pelo governo de levantar uma planta da Capital e seus subúrbios, planta essa, já se vê, de natureza cadastral. (CAMPOS, 2008)

O topônimo do Bexiga está presente na legenda do mapa juntamente aos principais logradouros. Novos loteamentos são visíveis ao longo das várzeas do Córrego Saracura e Córrego do Bexiga.

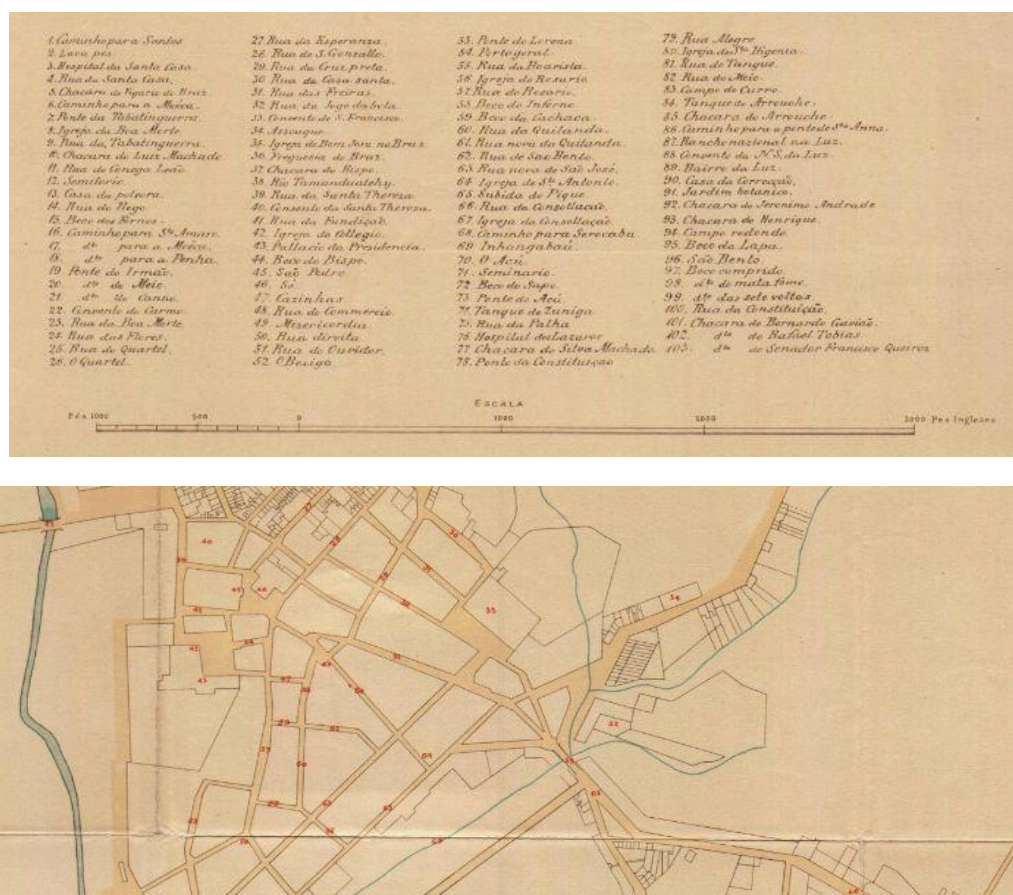


Figura 02: Na imagem acima, a legenda identifica os logradouros. *Planta da Cidade de São Paulo por K. A. Bresser - 1841.* Fonte: Arquivo Histórico Municipal

2.3 - Mappa da Cidade de São Paulo e seus subúrbios (1847)

De acordo com o levantamento do Arquivo Histórico Nacional, o *Mappa da cidade de São Paulo e seus subúrbios*, de 1847, pode ser considerado uma versão completa da *Planta da Cidade de São Paulo* de 1841, também levantada por Bresser. Entre as duas versões houve poucas mudanças no que se refere à expansão da cidade, porém vemos traçados e indicações de loteamentos ao longo dos córregos que desaguam no Ribeirão do Anhangabaú. Há um grande destaque para a Ponte Lorena, que representa uma ligação importante entre o centro da cidade e os povoados adjacentes, uma vez que o centro estava cercado principalmente pelo Ribeirão do Anhangabaú e pelo Rio Tamandateí. O crescimento das áreas urbanas exigiu a construção de pontes que possibilitaram o deslocamento dos moradores desta região.

Na região central destacava-se a Ponte do Lorena, sobre o Anhangabaú, que ligava a Ladeira do Piques com a Ladeira da Memória (atual Praça da Bandeira). O caminho que ligava São Paulo à aldeia de Pinheiros era conhecido como Estrada do Araçá (rua da Consolação e Av. Rebouças). Por este trajeto era possível também utilizar uma das vertentes que ia em direção ao Rio Tietê, seguindo para Jundiaí. A ponte existia desde as primeiras décadas do século XVII. Todavia, foi durante o Governo de José Bernardo de Lorena que reformas foram feitas e a ponte passa a ser conhecida como Ponte do Lorena, passou após a abdicação de Dom Pedro I, em sete de abril de 1831, a ser conhecida como Ponte *Sete de abril*. Apesar de a ponte ser vital para o desenvolvimento da cidade e caminho obrigatório para aqueles que vinham do interior e da região da aldeia de Pinheiros, a pequena ponte vivia em reparos. (ASSUNÇÃO, 2006 p. 1)

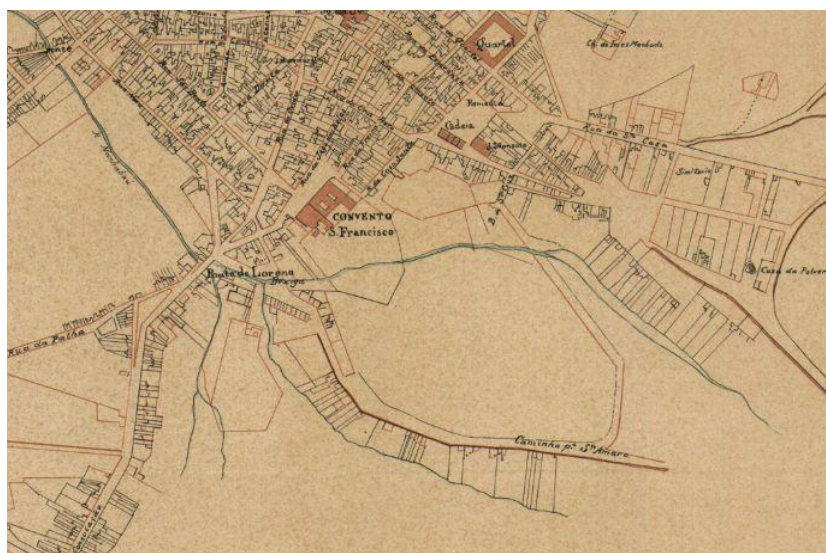


Figura 03: Mappa da Cidade de São Paulo e seus subúrbios. Feito por Ordem do Ex.^{mo} Sr. Prez.^{te} o Marechal de Campo Manoel da Fonseca Lima e Silva pelo Engenheiro Civil K. A. Bresser - 1847. Fonte: Arquivo Histórico Municipal

2.4 - Mappa Imperial da Cidade de São Paulo (1855)

A análise de Eudes Campos publicada pelo Arquivo Histórico Municipal aponta algumas contextualizações sobre São Paulo concernentes ao *Mappa Imperial da Cidade de São Paulo*, de 1855, levantada por Carlos Rath para que fossem utilizados pelo mesmo para sondar as possibilidades de distribuição de serviços hídricos na cidade.

A segunda metade do século XIX foi marcada por uma tendência crescente na economia cafeeira que começava a se desenvolver na Província e impulsionou a urbanização de São Paulo. A cidade cresce em população, Campos (2008) descreve uma atmosfera de dinamismo com a presença de mão de obra recrutada na Europa pelo governo provincial. No entanto, o desenvolvimento da infraestrutura da cidade não ocorria na mesma velocidade e alcançava apenas uma pequena parcela da população. Nesse contexto, a distribuição de água potável não atendia às necessidades de um centro urbano em crescimento como São Paulo. A confecção do mapa em questão decorre da necessidade de melhorias na qualidade da água ofertada na cidade.

Em 1851, Afonso Milliet, sob orientação de engenheiros provinciais, entre eles o engenheiro Hermann Bastide, fora encarregado pelo governo da Província de se responsabilizar pelo encanamento das águas potáveis em canos de ferro para a sua condução aos novos chafarizes da cidade (chafarizes-pilastras providos de torneira). (CAMPOS, 2008)

Anos mais tarde (1855), porém, uma comissão criada pela Câmara para descobrir o porquê de os chafarizes estarem secos – da qual fazia parte o engenheiro alemão Carlos Frederico Rath – analisou as águas que corriam pelos citados tubos e foi de parecer que os Tanques Reúno e das Freiras, também conhecido pelo nome de Santa Teresa, deveriam ser reunidos para aumentar o geral abastecimento de águas potáveis da Capital. Na sessão camarária do dia 14 de junho de 1855, ficou designado o engenheiro Rath para fazer os melhoramentos do encanamento, na condição de engenheiro comissionado pelo governo da Província. (CAMPOS, 2008)

A confecção do mapa em questão decorre da necessidade de melhorias na qualidade da água fornecida na cidade. Os córregos do Ribeirão Anhangabaú têm grande importância nesse sentido. É possível observar no mapa anotações feitas à lápis sobre os cursos d'água do Bexiga. Eudes Campos destaca que, inclusive, houve equívocos do autor do mapa ao atribuir os topônimos dos córregos. Segundo o autor, Carlos Rath confundiu o Saracura com o Saracura Pequeno e o Mandioccal com o Saracura. Como os cursos desses córregos foram traçados de forma pouco precisa, não houve espaço para incluir o leito do Mandioccal (CAMPOS, 2008). Destaca-se também as anotações de Carlos Rath próximas ao leito destes

córregos, afirmando uma boa qualidade da água. Dado o enfoque temático deste mapa, não há um detalhamento dos loteamentos desta região.

Ao analisar o Mappa Imperial da Cidade, de 1855, Lima compreende a ausência de loteamentos no Bexiga como condizente com as práticas quilombolas, e sugere que estes grupos já ocupavam esses espaços.

Essa paisagem se encontra em simbiose com a ocupação humana da Saracura. Mesmo que não possamos enxergar diretamente a ocupação quilombola, indiretamente é possível percebê-la na formação natural, que intrinsecamente a compõe. Na paisagem, meio termo entre o natural e o cultural, também se encontra o que Pierre Bourdieu definiu por *habitus*, as práticas da rotina social e por onde o mundo foi experienciado. (ASHMORE, 1999. LIMA, 2020, p. 161)

É importante destacar a ausência de indicações da presença destes grupos nos mapas da cidade. Se hoje há o conhecimento sobre a ocupação quilombola da região, ela parte de documentações, depoimentos e evidências atuais.



Figura 04: Recorte do *Mappa Imperial da Cidade de São Paulo*, levantado por Carlos Rath, publicado em 1855.
Fonte: Arquivo Histórico Municipal

2.5 - Planta da Cidade de São Paulo (1881)

A Planta da Cidade de São Paulo, levantada pela Companhia Cantareira e Esgotos e supervisionada pelo engenheiro britânico Henry Batson Joyner em 1881, é parte de um projeto da Companhia que se preparava para levar o abastecimento de água para as residências de São Paulo. Os topônimos marcam o *Ribeirão da Bexiga*, *Ribeirão Saracura* e *Ribeirão Anhangabaú*, que cercam as quadras do entorno da Rua de Santo Antônio e Rua de Santo Amaro. As quadras evidentemente delimitadas sugerem a inserção do bairro no mercado imobiliário na época.

Segundo dados do Instituto Bixiga, o bairro foi oficializado institucionalmente poucos anos antes da publicação da planta em questão. A fundação oficial do Bexiga está relacionada a um hospital que deveria ter sido construído na região, o que não veio a acontecer. De qualquer forma, no dia primeiro de outubro de 1878 ocorreu a inauguração do lote que teria sediado o hospital. Mesmo que este nunca tenha sido construído, o aniversário do Bexiga é comemorado nesta data até os dias atuais (ROCHA et. al. 2021).

Em uma análise do presente mapa, Lima destaca que entre estes arruamentos está o *Antigo Caminho da Saracura Grande*.



Figura 05: Planta da Cidade de São Paulo - Companhia Cantareira e Esgotos - 1881
Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo

2.6 - Planta da Cidade de São Paulo e Subúrbios (1881)

Jules Martin nasceu na França em 1832, formou-se na École Supérieure des Beaux-Arts de Marseille, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1868 e depois para São Paulo em 1870. Em São Paulo, o artista gráfico responsável por projetar o Viaduto do Chá produziu diversos mapas sobre a cidade, alguns deles selecionados no presente estudo.

A *Planta da Cidade de São Paulo e Subúrbios* apresenta a toponímia do bairro como Bexiga e aparecem ruas ainda presentes no bairro, juntamente a algumas marcações de infraestrutura como uma escola e caixas d'água. O destaque para estes empreendimentos é voltado a atrair possíveis investidores para o local.



Figura 06: Planta da cidade de São Paulo e Subúrbios - 1881 - Jules Martin
Fonte: Biblioteca Nacional

2.7 - Planta da capital do estado de São Paulo e seus arrabaldes (1890)

De mesma autoria que a Planta da cidade de São Paulo e Subúrbios de 1881 apresentada anteriormente, uma nota no canto inferior direito avisa que as ruas foram traçadas na mesma largura para ter mais clareza na visualização. No canto superior direito há uma reprodução em pequena escala da Planta da Cidade de São Paulo de 1810, que possibilita observar a expansão do tecido urbano da cidade. Este mapa foi confeccionado num momento politicamente agitado, quando o Brasil se torna uma República, impondo mudanças políticas e econômicas no país.

No mapa apresentado, há ruas que foram renomeadas para evitar a memória do Império, no entanto sem incluir neste processo os diferentes grupos populacionais que compunham a cidade. Ao contrário, a partir de registros documentados é possível encontrar esforços conscientes de ocultar qualquer registro que remetesse aos quilombolas, indígenas e a qualquer grupo não pertencente a uma classe enriquecida e europeizada.

A toponímia *Bela Vista* surge nas adjacências do Bixiga, marcando o avanço do setor imobiliário sobre o bairro. No artigo publicado na Revista Memoricidade, em 2020, vemos que a mudança de nome do *Campo do Bixiga* para *Campo da Bela Vista* vem de uma proposta de investidores para dissociar a memória local dos costumes tradicionais dos habitantes daquele local, formalizada através de um abaixo assinado.

Entretanto, de todas as iniciativas dos investidores para a valorização formal dos empreendimentos imobiliários na região do Bixiga, talvez a mais simbólica tenha sido o abaixo-assinado encaminhado ao presidente da Câmara Municipal de São Paulo, em 22 de julho de 1883, no qual se solicitava “a mudança do nome de Campo do Bixiga para o de Campo da Bella Vista, visto como aquelle nome nenhuma tradição nos faz recordar”. Entre os signatários do abaixo-assinado, encontram-se importantes nomes das famílias tradicionais de São Paulo, tais como João Pedro da Veiga Filho, Flávio de Oliveira Queirós, Tobias de Aguiar, João Otávio Nébias, João Firmino Martins Barros, Eugênia Pereira de Albuquerque, Antônio José Leite Braga e Fernando de Albuquerque. (ROCHA et. al. 2021)

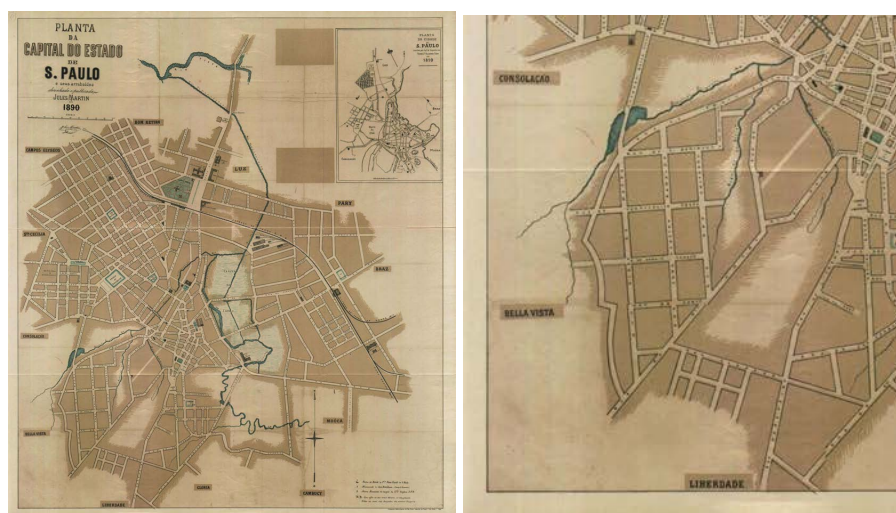


Figura 07: Planta da capital do estado de São Paulo e seus arrabaldes - Jules Martin - 1890
 Fonte: Desenhando São Paulo: Mapas e literatura (1877 - 1954)

2.8 - Planta da cidade de São Paulo (1895)

Uma observação sobre esta planta é a representação das áreas verdes, praticamente ausente em outras plantas de São Paulo, que são áreas de várzea dos rios Tietê e Tamanduateí, em sua maioria. Nos demais mapas tais regiões não são apresentadas por diversos motivos e um deles é que as áreas de várzea eram consideradas áreas insalubres e um dos trabalhos urbanos de saneamento à época era a supressão dessas áreas inundadas e inundáveis, que comportavam o leito maior daqueles rios. Segundo Maiara Santana Oliveira (2018), a questão do saneamento se tornou cada vez mais prioritária, uma vez que o rápido crescimento populacional acabou gerando impactos na poluição dos rios, espalhando epidemias e doenças e ameaçando a trajetória crescente da economia da cidade:

[...] o desenvolvimento econômico era ameaçado por diferentes epidemias que assolavam principalmente a população pobre de São Paulo que viviam nas baixas, próximas aos córregos e às várzeas. Com o progresso, vieram o vertiginoso aumento da poluição dos corpos d'água da cidade e sucessivas crises epidêmicas que vitimaram a mão-de-obra paulistana, em um momento de explosão demográfica em São Paulo. (OLIVEIRA, 2018 p. 48)

Na planta analisada, o Bexiga também é identificado como Bela Vista, ainda que a mudança de nome do bairro não tenha sido efetivada juridicamente. A Avenida Paulista é recente nas representações cartográficas. É interessante notar que neste mapa linhas tracejadas detalham o *Caminho da Ponte*, *Caminho do Monte Alegre* e *Caminho Saracura*.



Imagem 5: Planta da cidade de São Paulo - Hugo Bonvicini - 1895
Fonte: Prefeitura de São Paulo

2.9 - Planta Geral da Capital São Paulo (1897)

A Planta Geral da capital São Paulo, organizada por Gomes Cardim e datada de 1897, em escala 1:20000, representa uma cidade engrandecida. Nesse momento já temos uma consolidação dos processos de apropriação do território pelas instituições.

O advento da República também foi responsável por introduzir novidades na esfera administrativa dos municípios: as Câmaras haviam sido suspensas e substituídas pelos Conselhos de Intendência Municipal e a Lei Estadual n. 16, de 13 de novembro de 1891, art.38, §1º, estabeleceu que, uma vez extinto o tradicional rossio (área que constituía o patrimônio municipal e dentro de cujos limites exerciam o seu poder as Câmaras Municipais), ficava criado em seu lugar nas povoações de mais de mil almas um círculo com seis quilômetros de raio. As terras devolutas contidas nesse círculo poderiam, em caso de necessidade, ser alienadas como forma de aumentar as rendas municipais. Fato que desencadeou um processo de natureza privatista que, no caso de São Paulo, se arrastava desde 1852, quando a Câmara havia cogitado pela primeira vez pôr à venda os terrenos desocupados de seu patrimônio. (CAMPOS, 2008)

Assim, o mapa em questão apresenta uma expansão do perímetro urbano no traçado de loteamentos a serem inseridos no mercado imobiliário. O Bexiga neste quadro começa a deixar de representar um local periférico para entrar na disputa imobiliária, com exceção das várzeas dos córregos que tendiam ao alagamento, características que afastou os investidores até então.



Imagem 6: Planta Geral da Capital São Paulo - assinada por Dr Gomes Cardim - 1897
Fonte: Arquivo Histórico Municipal

2.10 - Planta geral da cidade de São Paulo adotada pela Prefeitura Municipal para uso de suas repartições (1905)

No geral notam-se poucas mudanças entre a planta anterior e a *Planta geral da cidade de São Paulo de 1905, adotada pela Prefeitura Municipal para uso de suas repartições*. No Bexiga, a urbanização se adensa no entorno das várzeas dos córregos.

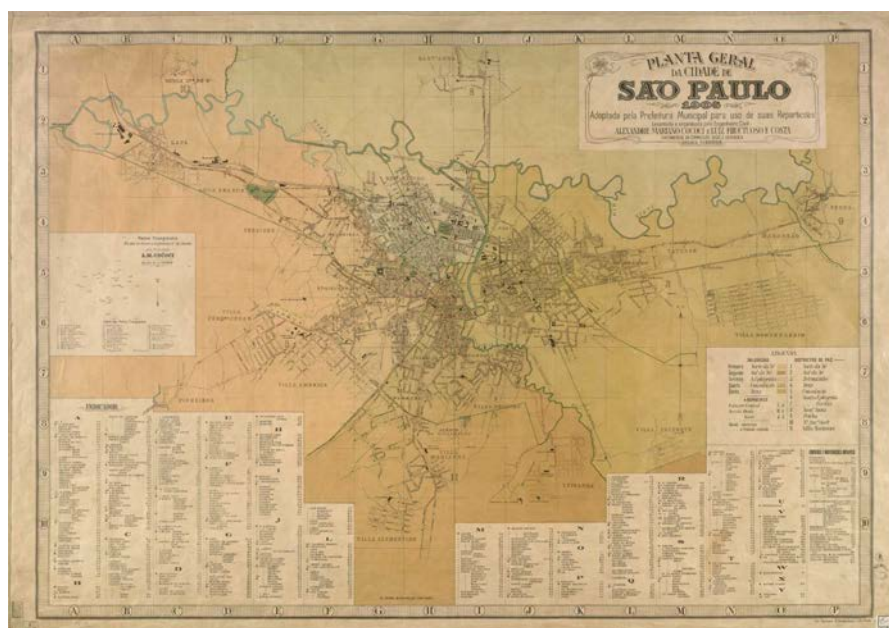


Imagem 7: Planta geral da cidade de São Paulo - 1905
 Fonte: Biblioteca Nacional

3. O BEXIGA NO CONTEXTO DE SÃO PAULO

Considerando os mapas analisados em conjunto, não há indícios explícitos da presença do Quilombo Saracura no Bairro do Bexiga apontados nas plantas. O conhecimento sobre o quilombo parte de inúmeros depoimentos de antigos moradores e também a partir das manifestações culturais e modo de vida herdados diretamente deste período, presentes no Bexiga até os dias atuais, conforme destacado no artigo da Revista Memoricidade³.

Trata-se de uma cidade que, apesar de reconstruída copiosas vezes à medida que sua estrutura de produção se alterava, traz entalhada em sua paisagem urbana e sociocultural não apenas a história visível e ostensiva da classe dominante — representada pelos monumentos erguidos em homenagem à opressão, pelos nomes da maioria de suas ruas, suas avenidas e seus bairros ou pelo patrimônio histórico material enaltecido e preservado — mas sobretudo a história invisível da classe subalterna — representada por seu modo de vida, seus costumes, manifestações culturais e religiosas e pelo intenso processo de luta, resistência e rebelião diante da opressão. (ROCHA ET AL, 2021)

Sobre a velocidade das transformações espaciais de São Paulo, Benedito Lima de Toledo (1983) apresenta a construção e desconstrução de três cidades em um século. A construção das ferrovias que iriam escoar a produção do café das fazendas do Estado de São Paulo fez com que a cidade de apenas cerca de 30 mil habitantes no início do século XIX, crescesse numa velocidade pouco antes vista no Brasil e no mundo até aquele momento. Posteriormente, com a chegada de novas técnicas, uma nova cidade se ergueu sobre as antigas construções de barro, promovendo grandes mudanças arquitetônicas que teriam gerado a metrópole do café. Essa imagem teria perdurado até a Segunda Grande Guerra. Desde esse momento o setor imobiliário prevaleceu sobre os patrimônios históricos da cidade. Assim, de acordo com Toledo (1983), esses dois marcos modificam a história espacial de São Paulo, produzindo três cidades diferentes em um curto intervalo de tempo. Segundo Sheila Schneck (2018), o interesse pela configuração espacial da cidade de São Paulo nesse período tem crescido em pesquisas acadêmicas e de instituições voltadas à preservação do patrimônio histórico.

A São Paulo do século XIX e das primeiras décadas do XX só muito recentemente vem merecendo a atenção de pesquisadores. Em função do seu processo voraz de transformação, arquitetos e urbanistas envolvidos com a docência e as instituições voltadas à preservação do patrimônio histórico recém-constituídas, o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat) e o Departamento do Patrimônio Histórico (DPH) – iniciaram o inventário e o

³ *O visível que oculta e o invisível que revela: tensões e disputas na construção da história de um território.* Danielle Franco da Rocha, Edimilson Peres Castilho e Eriberto Peres Castilho

paralelo estudo da história dos edifícios e da tessitura que compunha o grosso da urbe paulistana. Casos, principalmente, de Benedito Lima de Toledo, em São Paulo: três cidades em um século; Carlos Lemos, em Cozinhas, etc., Alvenaria Burguesa, Casa paulista: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café e A República ensina a morar (melhor); Nestor Goulart Reis Filho, em Quadro da arquitetura no Brasil, São Paulo e outras cidades, Habitação popular no Brasil: 1880-1920 e São Paulo, Vila, Cidade e Metrópole. (SCHNECK, 2018 p. 31)

Em *Bixiga: uma ideologia geográfica*, Scarlato (1989) parte de uma dimensão estética para abordar os processos de manipulação da imagem do bairro. O autor define bem as características que apontam contradições socioeconômicas: o bairro é constantemente divulgado pelos seus espaços de lazer e cultura, simultaneamente se ignora a precariedade das moradias que coabitam com esses espaços. Além disso, existe uma associação do bairro com a cultura italiana, conforme explica Scarlato:

O Bexiga é hoje um espaço que se vende através da mídia e de pessoas que o frequentam, envolvidos pela sua “magia”. A imagem que se propaga é do Bexiga do lazer e da cultura. A segregação social e a precariedade das condições habitacionais, quando aparecem, são revestidas de manifestações “folclóricas”. Aparece como algo movido por forças naturais. - formando aquela “ordem natural” tão cara para os filósofos do século XVIII que influenciaram a formação do pensamento burguês, desde aquela época até os dias de hoje.

No contexto da produção ideológica, reforça-se o sentido de italianidade do bairro, como se este ainda guardasse a mesma força da época de sua formação, como se esta italianidade pudesse ser resgatada como nos velhos tempos, “embalada” e vendida para seus consumidores. (SCARLATO, 1989, p. 27)

A partir da leitura de diferentes pesquisas e artigos sobre o Bexiga, podemos considerar que esse reforço direcionado exclusivamente à cultura italiana acaba por não reconhecer a importância de outros atores na formação do bairro. A formação do Bexiga ocorreu a partir de uma convergência de processos de mudança no Brasil e no Estado de São Paulo. Sheila Schneck (2016) introduz a tese *Bexiga: cotidiano e trabalho em suas interfaces com a cidade (1906-1931)* elencando uma combinação de fatores que resultaram na formação espacial e cultural do bairro.

O bairro do Bexiga foi resultado de um processo político e econômico mais amplo pelo qual passava o país desde a segunda metade do século XIX, com o desenvolvimento da economia cafeeira e a inserção do Estado de São Paulo no mercado exportador, envolvendo a Abolição da Escravidão, a instauração da República e a readequação das práticas urbanas de acordo com os parâmetros europeus de urbanização e industrialização. (SCHNECK, 2016, p. 6)

No livro *Bexiga: um bairro afro-italiano*, Márcio Sampaio de Castro (2008) descreve a influência da Abolição da Escravidão no Brasil sobre os processos de formação do bairro e sobre o crescimento da população urbana:

Duas questões visceralmente interligadas figuraram como as causas para que um considerável contingente dessas pessoas fosse empurrado para o espaço urbano neste primeiro momento de expansão: a possibilidade de ter contato na cidade com as riquezas geradas pelo café e a fuga do modelo escravista, que apresentava no mundo rural sua principal força de expressão.

Como consequência, nos anos finais da escravidão dos principais centros da época assistiram a uma verdadeira explosão no número de quilombos que se formaram em seus entornos. Muitas pessoas, ajudadas pelos movimentos abolicionistas ou por ex-cativos, abandonavam as fazendas para buscar a liberdade, misturando-se às pequenas multidões de anônimos que começavam a se formar nas cidades, ou dirigiam-se para os chamados quilombos urbanos, onde estabeleciam moradias precárias.” (CASTRO, 2008).

Essa passagem explica as origens do Quilombo Saracura, que deixou heranças de manifestações culturais que atravessaram mais de um século e continuam presentes no bairro, ainda que essa presença não seja evidenciada cartograficamente nos mapas históricos de São Paulo. O conflito espacial, neste caso, apresenta-se através dos esforços para ocultar a memória coletiva do Bexiga e a imposição do topônimo Bela Vista, em favorecimento aos interesses do setor imobiliário.

As primeiras ocupações do Bexiga remetem ao Quilombo Saracura, que deixou heranças de manifestações culturais que atravessaram mais de um século e continuam presentes, ainda que essa presença não seja evidenciada, dado o contexto ideológico exposto por Scarlato (1989).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou reunir bases teóricas para a realização de uma abordagem crítica sobre os mapas históricos de São Paulo, investigando não só o mapa, mas também os contextos e objetivos políticos e econômicos desde sua produção até a sua utilização. Nesse sentido, a cartografia de São Paulo, do final do século XIX e início do século XX aponta uma tendência de apropriação do território em função da especulação imobiliária.

A inserção de São Paulo no mercado internacional, através da exportação do café, a abolição da escravatura em 1888 e o início da República em 1889 representam mudanças nas dinâmicas das cidades. Nota-se que, em geral, o crescimento acelerado da população no período estudado se expressou espacialmente nos mapas apresentados através do adensamento do centro da cidade e da criação de novos bairros relativamente afastados do centro. No que se refere às representações do Bexiga, notamos que inicialmente o bairro foi moldado pelo Ribeirão da Bexiga, Ribeirão Saracura e Ribeirão Anhangabaú. Através dos registros escritos analisados fica evidente que a formação do bairro precede a imigração italiana e configura um marco histórico de resistência afro-brasileira no atual centro de São Paulo, exercendo uma grande influência cultural no bairro. Sheila Schneck (2018) conclui o artigo *Bexiga: cotidiano e trabalho (1906-1931)* apontando choques culturais entre os diferentes grupos que coabitavam no Bexiga:

Pensando a cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX, a partir de uma perspectiva que leve em conta o fator humano, temos de um lado brasileiros brancos e afrodescendentes (negros e pardos), ambos carregando o ônus de um passado escravista recente que determinava a priori a sua posição na escala social, circunstância agravada pela crença generalizada na superioridade racial e cultural do estrangeiro. De outro lado, temos imigrantes europeus em busca de oportunidades para conquistar, através do trabalho, a estabilidade que lhes era negada no local de origem. Nessas circunstâncias, o convívio entre os dois grupos podia significar uma disputa desigual pelas oportunidades de trabalho e pelo espaço, gerando ressentimentos entre todos os lados envolvidos.

No longo prazo essa situação só fez ratificar a discriminação, ainda que dissimulada, dos valores atribuídos ao segmento negro da sociedade contemporânea, inclusive àqueles estabelecidos no bairro do Bexiga. Atualmente, embora a presença dos afrodescendentes seja um fato reconhecido, sua importância aparece reduzida cultural e espacialmente: de um lado, porque limitada aos eventos culturais dados pelo calendário festivo da cidade – o Carnaval –; de outro, porque restringe sua presença ao Vale da Saracura, supostamente a única área ocupada por esse segmento social. (SCHNECK. 2018, p. 47)

Na cartografia, esse embate velado se expressa mais pelos ocultamentos do que pelas informações presentes no mapa. O que nos leva a refletir sobre o que Harley (2009) destaca: o mapa é informação e é poder, assim somos direcionados através das possíveis leituras do

mapa a olhar para a representação do espaço sob a óptica específica dos atores que os fizeram e por isso devemos, ao observar mapas históricos, refletir sobre o que está representado e a forma pela qual foi representado, o que conduz a chance de investigar e descobrir aquilo que está oculto no mapa, mas presente em seu contexto para além das informações sublinhadas na produção cartográfica.

BIBLIOGRAFIA

ASSUNÇÃO, Paulo. **A cidade de São Paulo no século XIX: ruas e pontes em transformação.** Revista Histórica p. 1-9, n.10 Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2006. Disponível em:

<<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao10/materia03>>

Acesso: 25/05/2023.

CAMPOS, Eudes. **São Paulo antigo: plantas da cidade.** Informativo Arquivo Histórico Municipal. 4 (20): set/out.2008 <<http://www.arquivohistorico.sp.gov.br>> Acesso: 25/05/2023.

CASTRO, Márcio Sampaio de. **Bexiga: um bairro afro-italiano.** Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Ce Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/T.8.2018.tde-04072018-123123. Acesso: 2020/12/23.

CAVENAGHI, A. J.. O território paulista na iconografia oitocentista: mapas, desenhos e fotografias. análise de uma herança cotidiana. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 14, n. 1, p. 195–241, jan. 2006.

COSGROVE, Denis. **Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria.** Espaço e Cultura. n.5 p. 5-29 Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

COSGROVE, Denis. **Carto-city.** Em: ABRAMS, J.; HALL, P. (org.) *Else/Where Mapping: New Cartographies of Networks and Territories.* Mineápolis: University of Minnesota Design Institute, pp. 148-157, 2006. (tradução de trabalho de Eduardo Duttenkefer, Eliane Kuvassney e Vinicius Santos Almeida)

DUTENKEFER, Eduardo. **A cidade e o mapa:** representações cartográficas da urbanidade de São Paulo. 2017. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/T.8.2018.tde-04072018-123123. Acesso em: 2020/12/22.

CINTRA, Jorge. (2010). **A primeira planta cartográfica da Cidade de São Paulo.** Boletim de Ciências Geodésicas.

FONSECA, Fernanda Padovesi. **O potencial analógico da cartografia.** Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, no 87, p. 85-110, 2007. Disponível em: <http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/issue/view/54>

HARLEY, David. **Mapas, saber e poder.** *Confins* [Online], 5 | 2009, posto online no dia 24 abril 2009, consultado o 05 abril 2023. URL: <http://journals.openedition.org/confins/5724>; DOI: <https://doi.org/10.4000/confins.5724>

KUVASNEY, Eliane. **A representação da cidade de São Paulo nos albores do século XX:** os mapas como operadores na construção da cidade espalhada. 2017. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de

São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/T.8.2018.tde-26042018-135249. Acesso: 2021-02-27.

KUVASNEY, Eliane. **Uso de mapas históricos na pesquisa sobre a cidade de São Paulo.** Predominância de mapas disponíveis digitalmente e mapas autorreferenciais», Confins [Online], 48 | 2020, posto online no dia 24 dezembro 2020, consultado o 27 fevereiro 2021. URL: <http://journals.openedition.org/confins/34437>; DOI: <https://doi.org/10.4000/confins.34437>

KUVASNEY, Eliane. **Os mapas como “operadores espaciais” na construção da cidade de São Paulo do início do século XX.** Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil. n. 64. p.167-182. Agosto de 2016.

KUVASNEY, Eliane. **Mapas e paisagens. apontamento acerca da abordagem cultural em cartografia.** Trabalho final do curso "O mapa e a renovação da Geografia". São Paulo, PPGH-USP, 2013

LIMA, A. **Vestígios de um quilombo paulistano:** uma análise da paisagem arqueológica do bairro do Bexiga. Argumentos - Revista do Departamento de Ciências Sociais da Unimontes, 2020, 17(1), 153-177[fecha de Consulta 5 de Septiembre de 2022]. ISSN: 1806-5627. Disponible en: <http://portal.amelica.org/ameli/journal/363/3631540010/>

NUNES SILVA, A.; ROCHA OLIVEIRA, J. M. **Percurso teórico das abordagens em Geografia Cultural.** Terra Livre, [S. l.], v. 1, n. 56, p. 86–111, 2022.

OLIVA, J. T.; FONSECA, F. P.; DUTENKEFER, E.; ZOBOLI, L. **Cartografia digital geo-histórica: mobilidade urbana de São Paulo de 1877 a 1930.** Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, [S. l.], n. 64, p. 131-166, 2016. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i64p131-166. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/119677>. Acesso: 26/02/2021.

OLIVA, J. T.; FONSECA, F. P. **O “modelo São Paulo”:** uma descompactação antiurbanidade na gênese da metrópole. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, [S. l.], n. 65, p. 20-56, 2016. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i65p20-56. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/125157>. Acesso: 27/02/2021.

OLIVEIRA, Maiara Santana. **As "Lyrras de Orfeu em todos os automóveis" e as avenidas marginais:** Um estudo sobre os discursos cartográficos dos projetos para o Rio Tietê e suas várzeas (1894-1930). Disponível em: <http://www.tcc.sc.usp.br/tce/disponiveis/8/8021101/tce-15022019-094632/?&lang=b>

PASSOS, Maria Lúcia Perrone. **Desenhando São Paulo:** mapas e literatura 1877-1954. São Paulo. Editora Senac São Paulo: Imprensa Oficial, 2009.

PIRES, Walter. **Configuração Territorial, Urbanização e Patrimônio:** Colônia da Glória (1876-1904). 2006.

SADLIER, D. **Brasil imaginado**: de 1500 até o presente. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

SCARLATO, Francisco Capuano. **Bexiga: uma ideologia geográfica**. Boletim Paulista de Geografia, n. ja/ju 1989, p. 27-36, 1989. Acesso: 08/04/2023.

SCHNECK, Sheila. **Bexiga: cotidiano e trabalho em suas interfaces com a cidade (1906-1931)**. 2016. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

SCHNECK, Sheila. **Bexiga: cotidiano e trabalho (1906-1931)**. Anais do Museu Paulista, n. 26, 2018.

SCHNECK, Sheila. **Formação do Bairro do Bexiga em São Paulo: loteadores, proprietários, construtores, tipologias edilícias e usuários (1881-1913)**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-01062010-111349/>. Acesso: 11/05/2023.

TOLEDO, Benedito Lima de. **São Paulo: três cidades em um século**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1983.

TOLEDO, Benedito Lima de. **Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo**. São Paulo: Empresa das Artes, 1996

SITES

Correio Brasiliense. **9 sítios arqueológicos são descobertos em obras do metrô de São Paulo**.

<<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/07/5020738-9-sitios-arqueologicos-sao-descobertos-em-obras-do-metro-de-sao-paulo.html>> Acesso: 23/03/2023.

Linha 6 Uni. **Linha 6 - Laranja de metrô**.

<<https://www.linhauni.com.br/linha-6-laranja>> Acesso: 20/03/2023.

A Lasca Arqueologia. **Nota Oficial da A Lasca Arqueologia - Programa de Arqueologia Preventiva da Linha 6 de metrô de São Paulo**.

<<http://www.alascaconsultoria.com.br/nota-oficial-programa-de-arqueologia-linha-6-de-metro-sp.html>>. Acesso: 23/03/2023.

Equipe Brasileira Iconográfica. **Jules Martin, arauto da modernidade de São Paulo**.

<<https://www.brasilianaiconografica.art.br/artigos/20254/jules-martin-arauto-da-modernidade-de-sao-paulo>>. Acesso em 07/04/2023.

Prefeitura de São Paulo. **ATO PREFEITO - PREF Nº 972 DE 24 DE AGOSTO DE 1916**.

<<https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/ato-gabinete-do-prefeito-972-de-24-de-agosto-de-1916/consolidado>>. Acesso: 07/04/2023.

Carlos Penna Brescianini. Agência Senado. **Há 131 anos, senadores aprovavam o fim da escravidão no Brasil.**

<<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/05/13/ha-131-anos-senadores-aprovavam-o-fim-da-escravidao-no-brasil>> . Acesso: 07/04/2023.

Portal G1. **Vai-Vai deixa quadra no Bixiga por causa de obras do Metrô e fará ensaios no Pacaembu.**

<<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/09/22/vai-vai-deixa-quadra-no-bixiga-por-causa-de-obras-do-metro-e-fara-ensaios-no-pacaembu.ghtml>> Acesso: 07/04/2022.

Portal G1. **Sítio arqueológico é encontrado durante escavação de obra do Metrô no Bixiga, na área da antiga quadra da escola de samba Vai-Vai.**

<<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/06/15/sitio-arqueologico-e-encontrado-durante-escavacao-de-obra-do-metro-no-bixiga-na-area-da-antiga-quadra-da-escola-de-samba-vai-vai.ghtml>> Acesso: 07/04/2023.

Danielle Franco da Rocha, Edimilson Peres Castilho, Eriberto Peres Castilho. Instituto Bixiga. **Bixiga: Chão de Muitos Povos.**

<<https://institutobixiga.com.br/bixiga-chao-de-muitos-povos/>> Acesso: 29/05/2023.

VÍDEOS

Alma Preta Jornalismo. **Por que a nova estação de metrô em SP deve chamar Saracura/Vai-Vai e não 14-bis?** < <https://youtu.be/bEP7nVLN9mU>> Acesso: 29/05/2023.